

Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
Entre a Foice e o Martelo: A retomada da Hipótese Comunista e os Ecos do Manifesto de Marx & Engels			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Max Paulo Prado Bezerra da Silveira	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Graduado
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
O presente trabalho tem por finalidade, a partir de uma relação dos pontos em comum presente no Manifesto Comunista de Marx e Engels e a chamada Hipótese comunista descrita pelo filósofo e psicanalista Slavoj Žižek (em seu livro intitulado: “Primeiro como tragédia, depois como Farsa”) identificar possíveis pontos em que o papel e as características do proletariado enquanto agente revolucionário esteja aparente.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
proletariado, história, revolução			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
The present work has the aim of, departing from the commonalities between the Communist Manifesto and the so called Communist Hypothesis, described by the philosopher and psychoanalyst Slavoj Žižek (in his book “First as Tragedy Then as Farce”), identifying the possible points in which the characteristics of the proletariat as revolutionary agent are apparent.			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
proletariat, history, revolution			
EIXO TEMÁTICO			
Poder, Estado e Luta de Classes			

Entre a Foice e o Martelo: A retomada da Hipótese Comunista e os Ecos do Manifesto de Marx & Engels

Max Paulo Prado Bezerra da Silveira

Introdução:

O presente trabalho começou a ser desenvolvido a partir de uma premissa surgida a partir da leitura de dois materiais de autores diferentes, mas igualmente correlatos, onde neles é possível vislumbrar as relações entre alguns aspectos clássicos do Comunismo, e as novas direções que alguns pensadores da contemporaneidade têm apontado no sentido de promover uma retomada na chamada hipótese comunista.

Passado os tempos de guerra fria onde, onde URSS e EUA disputavam a hegemonia ideológica do mundo, parece ter surgido um clarão, ou um verdadeiro vazio quanto ao debate no campo das ideologias. No momento em que tanto se anunciava o fim da história permanecia uma ideologia dominante, uma ordem hegemônica que esteve sempre definindo em crises econômicas e que mantinha as mesmas contradições que sempre caminharam com ela. Algo que se reflete em problemas como o meio-ambiente, a propriedade intelectual, os avanços das pesquisas e tecnologias relacionadas à genética e o problema dos excluídos, ou das áreas de exclusão social. É nesse cenário que o filósofo e psicanalista Slavoj Žižek procura esquadrihar os sintomas da ordem capitalista. Para ele:

Nossa situação é diametralmente oposta à do século XX, quando sabíamos o que tínhamos e o que queríamos fazer (estabelecer a ditadura do proletariado etc.), mas precisávamos esperar com paciência o momento certo em que a oportunidade se ofereceria. Agora, não sabemos o que fazer, mas temos de agir, porque as consequências de não agir podem ser catastróficas. (Žižek, 2011)

Parece que desde o fim da guerra fria, a ideologia dominante da ordem capitalista ao mesmo tempo em que é hegemônica não supera seus antagonismos. O próprio Marx tinha o costume de dizer que o capitalismo “apodrece” desde o seu surgimento, no entanto ao longo de anos de experimentos da esquerda em construir uma nova forma de se organizar politicamente não parece ter dado certo, e ainda é possível ver que o capitalismo continua a existir mesmo com suas contradições. O Comunismo soube aproveitar os momentos de crise do capital e se valer da energia das massas para transformar ascender politicamente, foi assim na URSS, e em Cuba. No entanto a questão

fundamental é tentar compreender por que os governos comunistas não conseguem segurar o apoio popular por muito tempo, e acabam culminando em regimes totalitários?

É fato, que hoje o Marxismo clássico tal como conhecemos apresenta suas limitações para compreender os fenômenos dos mundos de hoje, a começar pela lógica de funcionamento da ideologia, apontada por Marx como a grande responsável por alienar a consciência do proletariado. Na verdade Zizek defende que o maior problema, a maior questão a ser decifrada pelo comunismo ocidental hoje é tentar compreender o porquê o proletariado enquanto classe não reivindicou e tampouco assumiu a sua posição de sujeito revolucionário.

Outra questão é a compreender nos dias de hoje que tipo de panorama perdura na classe operária do século XVIII e século XIX e a classe operária agora.

Para poder compreender estas diferenças recorreremos ao diagnóstico da classe operária constituída pelo proletariado descrito por Marx e Engels no Manifesto Comunista, a seguir é feita uma apreciação sobre a posição de Zizek a respeito da chamada hipótese comunista no que tange as diferenças e semelhanças com os escritos de Marx e Engels acompanhado de seus posicionamentos em relação à conjuntura em que vivemos nos dias de hoje. E para concluir, tentaremos esboçar de que maneira a ideologia funciona de modo a orientar ou definir a posição do proletariado na história, a partir do momento em que ela passa a estruturar a realidade, tanto em suas concepções clássicas como as concepções atuais de sua lógica de funcionamento.

O Proletariado:

Nos escritos do Manifesto Comunista de Marx e Engels começam suas ideias a partir de uma espécie de diagnóstico das condições dos operários, do proletariado a partir de uma evolução histórica que começa com a passagem das formas de trabalho do período da idade média para o período moderno industrial. A passagem das condições materiais de produção do feudalismo para o capitalismo industrial.

Para isso é feita uma apreciação a pequena burguesia e seu caráter revolucionário que destituiu a aristocracia em algumas partes do mundo para que seu progresso pudesse avançar. De fato a burguesia se organiza enquanto classe no momento em que os pequenos burgueses observam seus interesses sofrerem entraves da classe aristocrata. Nesse período não existe a figura do grande industrial, mas sim oficinas de artesãos, comerciantes que levam mercadorias de um lado para outro de cada país, caixeiros, mascates e todo tipo de profissionais chamados profissionais liberais.

São esses profissionais que vão constituir uma classe que movida por seus interesses consegue enquanto força antagônica ao poder da classe aristocrata derrubar o antigo regime na Europa. É o que ocorre na Inglaterra, França, na Alemanha e guardadas algumas diferenças na América.

Pelo que se pode interpretar no Manifesto Comunista após a derrocada da aristocracia a livre concorrência, o aumento do fluxo de mercadorias¹ parecem ser as condições que ao longo do tempo fazem surgir duas figuras dentro da própria classe burguesa, que são dos grandes produtores e dos pequenos produtores. Os primeiros são aqueles detém a concentração maior do mercado em suas mãos e seu aumento de poder cada vez mais destrói o poder dos segundos que em geral são os pequenos empreendedores, os membros da agricultura familiar e donos de pequenos comércios. São eles a Alta Burguesia e a pequena Burguesia.

Compreender que existem essas divisões na classe burguesa é fundamental para compreender a diferença desta classe para a classe operária. Afinal os antagonismos aumentam justamente por conta do avanço das condições de produção que se tornam cada vez mais hostis para a classe operária que vai se convertendo aos poucos em proletariado, ou seja, o momento em que o operário passa a se constituir como a única classe que é antagônica a burguesia.

O crescimento deste antagonismo é algo que se pode observar como constante na dialética material nos trabalhos precedentes de Marx. No manifesto comunista ele é apresentado de maneira mais breve, por que segundo o Manifesto os poderes da alta burguesia, ou seja, na alta burguesia industrial nos séculos XVIII e XIX aumentam de tal maneira que ameaçam a existência do pequeno proprietário de terra que tem naquela propriedade um tipo de produção feita aos moldes da produção familiar, sejam eles pequenos agricultores ou donos de oficinas. São esses pequenos burgueses que defendem um retorno às antigas condições de produção presentes no período feudal onde estes pequenos burgueses não viam suas condições materiais de produção ameaçadas pelo poder da alta burguesia. Isso é o que Marx chama de caráter reacionário desses produtores que desejam girar a roda da história para trás. Vivem a olhar para o passado, pensam na mudança para as condições precedentes as suas atuais, e, portanto não podem ser caracterizadas como uma classe que assuma de pronto um papel de agente revolucionário.

Essa talvez seja a diferença fundamental da burguesia reacionária para o proletariado sua incapacidade de assumir o papel de agente revolucionária está diretamente ligada a sua postura reacionária.

Quanto mais a Burguesia desenvolve a cadeia produtiva, mais complexas se tornam as relações de produção, e mais o proletariado cresce e se desenvolve:

O proletariado passa por diferentes fases de desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com a sua existência.

¹ Livre concorrência e fluxo de mercadorias tão defendidas pelos chamados liberais éticos como Adam Smith e David Ricardo que vai acabar criando a concentração de capital na mão de poucos, criando assim um antagonismo entre a burguesia que detém o monopólio da produção, e o pequeno produtor, também chamado de pequena burguesia.

No começo empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários de um mesmo ramo da indústria, de uma localidade contra o burguês que os explora diretamente. Dirigem seus ataques não só contra as relações burguesas de produção, mas também contra os instrumentos de produção; destroem as mercadorias estrangeiras que lhes fazem concorrência, quebram as máquinas, queimam as fábricas e esforçam-se para reconquistar a posição perdida do trabalhador da idade média (Marx, 1998, p. 47).

Nessa fase o proletariado ainda é uma massa dispersa, a ponto de Marx afirmar no manifesto comunista a diferença essencial entre os partidos operários e o partido comunista.² O que vai organizar o proletariado sob um conceito de massa é justamente o avanço do capitalismo que tende a aumentar a massa de proletários e que irá formar um exército de trabalhadores que segundo Marx chaga a ponto de se reconhecer como uma classe, já que todos estão sob o julgo das mesmas condições materiais de existência. “Os interesses, as condições de existência dos proletários se igualam cada vez mais à medida que a máquina extingue toda a diferença de trabalho (Marx, 1998, p. 47).” Com o avanço do desenvolvimento industrial as crises econômicas se tornam constantes e seus efeitos recaem sob os salários do proletário, que fundam agremiações, sindicatos e associações onde irrompem motins contra a burguesia. Para Marx o efeito imediato desses motins é o que menos importa se comparado ao fato de que com esses motins uma simbiose, uma união é cada vez mais presente entre os trabalhadores fomentando cada vez mais a chamada consciência de classe. Os avanços promovidos pelo desenvolvimento industrial também tem sua importância na medida em que facilitam a comunicação dos operários de várias partes, de maneira galopante, já que no passado a burguesia fazia isso por estradas precárias da idade média e os operários na modernidade têm a sua disposição os telégrafos e os trilhos das locomotivas para rapidamente estabelecerem seus canais de comunicação. Claro que Marx descreve um, porém nesta caminhada do proletariado ao momento decisivo da derrocada da burguesia. Este, porém diz respeito às disputas travadas internamente ao movimento operário. Talvez isso explique o porquê da existência do partido comunista. Segundo o Manifesto os anseios e objetivos do Partido Comunista devem se os anseios da classe operária, porém, o que difere os Partidos Operários do Partido Comunista é uma visão universal que os operários não têm.

Os comunistas se distinguem dos outros partidos operários somente em dois pontos: 1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer

² Para Marx a diferença fundamental que existe entre os partidos operários e o partido comunista é que o partido comunista tem o que se chama de visão sistêmica sobre a conjuntura. Uma visão universal que se cristaliza na união das lutas dos operários em torno de uma causa.

os interesses comuns do proletariado independentemente da nacionalidade; 2) Nas diferentes fases de desenvolvimento por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto. Na prática, os comunistas constituem a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente tem sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, do curso e dos fins gerais do movimento proletário (Marx, 1998, p. 51).

Ou seja, a função do partido aparece implícita como tendo o objetivo de direcionar e organizar as forças do proletariado e canalizá-las para o momento em que irromper a luta do proletariado contra a classe burguesa.

O que podemos observar no Manifesto Comunista levando em conta os aspectos da luta de classes, sobretudo o processo revolucionário no qual o proletariado e o partido comunista se insere, podemos deduzir que conforme o seu papel vai se tornando mais importante na luta política junto ao desenvolvimento industrial, só nos resta agora uma interpretação possível do papel do proletariado: tomar consciência e assumir o seu papel histórico de sujeito revolucionário.

No entanto o que vemos nos dias de hoje é um diagnóstico sobre o fracasso da luta da esquerda que é mais uma pergunta do que uma afirmação: Por que o proletariado não assumiu seu papel de sujeito revolucionário?

O Agente da Revolução

Esta pergunta fundamental é o que Zizek aponta como sendo o grande problema do Marxismo ocidental, a ausência de um agente ou sujeito revolucionário, e é no grande “vazio ideológico promovido pelo fim da guerra fria que Zizek mantém seus diálogos com pensadores engajados com a chamada reformulação da hipótese comunista, não por que no passado o fracasso se fez presente que é preciso abandonar a hipótese comunista. O erro é algo que faz parte do aprendizado e a esquerda não deve esquecer seu passado ou ter vergonha de alguns erros, tudo o que passou nos serviu de experiência para errar de novo mas errar melhor e como diria Zizek começar do começo de novo este é o tipo de postura mantida inclusive por filósofos como Alain Badiou:

A hipótese comunista continua a ser a hipótese certa, como eu disse, e não vejo outra. Se essa hipótese tiver de ser abandonada, então não vale a pena fazer mais nada na ordem da ação coletiva. Sem a perspectiva do comunismo, sem essa ideia, nada no futuro histórico e político será do tipo que interesse o filósofo. [...]

Mas apegar-se à ideia, à existência da hipótese, não significa que sua primeira forma de apresentação, focada na propriedade e no Estado, deva ser mantida exatamente como é. Na verdade, o que percebemos como tarefa filosófica, até como dever poderíamos dizer, é ajudar uma nova modalidade de existência da hipótese a vir a ser, nova em termos de experimentação política a que essa nova hipótese poderia dar origem. (Badiou, 2008, p. 115)

Zizek propõe que o comunismo não deve ser encarado de maneira reguladora, ressuscitando o “fantasma ético” tomando a igualdade como uma espécie de “a priori” para se levar a cabo todas as posições e ações políticas. Para ele o caminho está em se manter atento aos antagonismos sociais que é clara mudaram desde os tempos de Manifesto Comunista até os dias de hoje, na verdade, ao que parece, o caráter comum deles permanece. O que muda são as diferentes formas pelas quais eles se apresentam nos dias de hoje. Nesse sentido Zizek recorre a algo que Antonio Negri e Michael Hardt chamam de áreas comuns de cercamento. Esse esforço de localizar estas áreas é para Zizek de fundamental importância para localizar na conjuntura do mundo atual os antagonismos que dizem respeito ao ser social de maneira comum, manter-se fiel à causa comunista não é suficiente se não identificarmos esses antagonismos nos dias de hoje.

Essas áreas são quatro. A primeira é a catástrofe ecológica, a inadequação da propriedade privada em relação à chamada “propriedade intelectual”, as implicações socioéticas da nova evolução científica no que diz respeito à biogenética principalmente e as novas áreas de exclusão social. Os antagonismos refletidos nessas áreas são para Zizek algo de fundamental importância, já que (pelo menos os três primeiros) dizem respeito a um problema comum, que afeta o ser social diretamente em suas condições de existência essas três áreas colocam em risco a vida de absolutamente todos no corpo do ser social, o que dá um caráter comum a esses problemas. Dando a todos nós uma roupagem de proletariado.

Essa conjuntura apocalíptica no entanto, essa proletarianização decorrente do aspecto comum que há entre esses problemas e a maneira como eles interpelam o ser social, não é suficiente para nos tornar comunistas, afirma Zizek. Porque de nada adianta tratar dos três problemas chamados áreas comuns de cercamento se estes estiverem descolados do quarto que é justamente o problema das formas de exclusão como os muros as favelas, algo que é chamado novas áreas de Apartheid.

É o que o socialismo faz na opinião de Zizek, para ele o socialismo nada mais fez do que o “sujeito sem substância” (esse sujeito que perde sua substância a partir destas áreas comuns de cercamento) em uma posição a ser preenchida em uma nova ordem comunitária orgânica. Por isso a partir do socialismo ou capitalismo essas três áreas de cercamento tornam-se problemas não da ordem comum e universal, mas de uma ordem privada, onde segundo Zizek o problema da “ecologia se

transforma em problema de desenvolvimento sustentável, a propriedade intelectual em desafio jurídico complexo, e a biogenética em questão ética” (Zizek, 2011, p. 88).

Conclusão

Portanto o que podemos concluir é que se há um inimigo direto do comunismo nos dias de hoje, esse inimigo é o socialismo que reorganiza o ser social dando a ele características de um comunitarismo orgânico que não resolve os problemas da área comum da exclusão social, pelas palavras de Zizek o capitalismo quando está à beira de um colapso precisa sempre reinventar uma forma de socialismo, que pode ser verificado pelo socialismo de características asiáticas, o populismo, e, além disso, podemos identificar essas características mesmo no chamado estado de bem estar social europeu, ou aquele que vigorou nos Estados Unidos no período Keynesiano. “Se o capitalismo representa a propriedade privada e o socialismo, a propriedade estatal, o comunismo representa o fim da propriedade como tal nas áreas comuns.”(Hardt, 2009).

Assim, as diferenças e relações que podemos observar na característica do proletariado presentes no Manifesto Comunista e as concepções presentes na chamada reformulação da hipótese comunista, ou seja, no proletariado ontem e hoje, é que: se antes sua condição comum era o pátio da fábrica onde o grande burguês, industrial a partir do desenvolvimento das condições produção e trabalho explorava cada vez mais a mão de obra do operário e dava cada vez mais corpo e um aspecto comum de condição de explorado. Hoje a proletarização do ser social se dá a partir das áreas comuns de cercamento que interpela esse ser a respeito de sua condição de existência.

Hoje a fidelidade à ideia do comunismo já não é suficiente se não levar em conta os antagonismos que atravessaram séculos e permanecem diante de nossos olhos até hoje, nesse ponto encontramos uma relação substancial com os escritos de Marx e Engels no Manifesto Comunista. Portanto para concluir, o que podemos encontrar entre a hipótese comunista e o Manifesto Comunista, não é um abismo entre a foice e o martelo, mas sim uma relação complementar onde o proletariado não é a roupagem comum que permeia os operários de uma fábrica que “nada tem a perder se não seus grilhões” (Marx, 1998, p. 69), mas sim um ser social que tem tudo a perder.

Bibliografia

- BADIOU, Alain. (2008). *The Meaning of Sarkozy*. Londres: Verso.
- MARX, K. e. ENGELS, Friedrich. (1998). *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- ZIZEK, Slavoj. (2011). *Primeiro Como Tragédia, depois como Farsa*. São Paulo: Boitempo Editorial.

